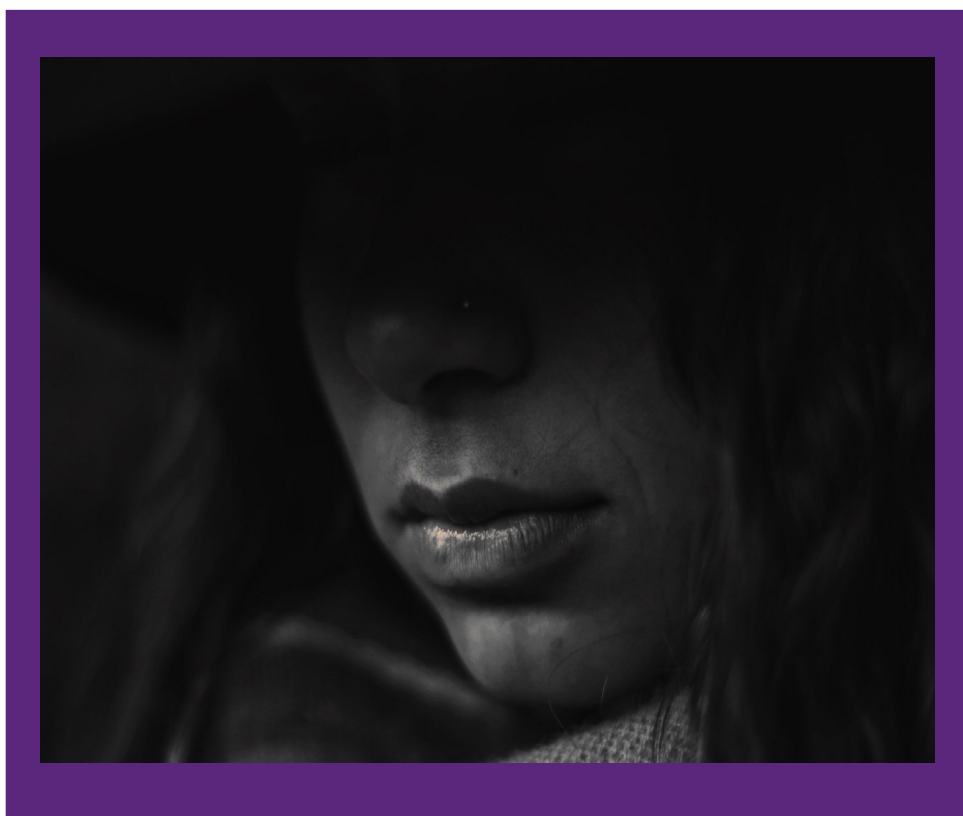


Comigo (Outros Poemas)

Manuel Laranjeira



AMAR A POESIA, DIGITALMENTE

A poesia em formato digital terá o mesmo
sabor, o mesmo odor?

Seremos capazes de encontrar o prazer da
leitura num ecrã de computador?

Editamos poesia desde 1996 e queremos,
agora, dar o passo para além dos limites do
papel.

E cada leitor poderá, em sua casa, imprimir e
construir o seu livro. Também ele cúmplice
desta batalha pela poesia que não pode ter
fronteiras, nem barreiras.

Elefante Editores

À Tarde

A tarde lenta cai. E cai também
uma melancolia venenosa,
meu Deus! que se não sabe donde vem...

E vem como uma sombra vagarosa
que chovesse dum céu crepuscular...
Vem subindo da terra dolorosa
como um grande dilúvio de pesar,
como um olhar de dor silenciosa
que tentasse subir para as estrelas
e ficasse disperso pelo ar...

E vem do fundo d'alma... Prescrutasse
a gente o coração pra sentir bem
que é lá no fundo d'alma que a dor nasce
e é de lá sobretudo que ela vem...

De lá! de lá do fundo! bem do fundo
de nós mesmo!... e lenta vem subindo
aos olhos que a reflectem, reflectindo
na nossa dor a dor de todo o mundo!

Dolorosamente
a tarde exausta morre de cansaço
e parece que sofre a natureza...
Anda uma luz de cinza pelo espaço
e lentamente
envolve as coisas todas de tristeza...

E a tarde cai nos olhos e entristece-os...
E toda a melancolia,
de lá do fundo d'alma aonde está
vem-nos subindo aos olhos e escurece-os...

Os olhos escurecem e dir-se-ia

que é de lá
que a tristeza das coisas irradia...

A tristeza das coisas... Afinal
ó tristeza das coisas, tu existes
dentro de nós, em nossas almas tristes,
como um eco da dor universal!

Ó silêncio das coisas, é ouvindo
o próprio coração que te escutamos!
E as lágrimas das coisas vão caindo
...e somos nós que as choramos!

Sim, nós!... Quem sofre e chora, somos nós!
um choro de cobardes e vencidos
nessa hora de sombra em que, transidos,
olhamos em redor... e estamos sós!
Sós! todos sós! Ó almas solitárias,
vêde a tristeza da tarde!
É vendo-a que a noss'alma desolada
se sente mais sozinha, abandonada,
e o nosso coração é mais cobarde...
É vendo a claridade agonizar,
como um olhar voluptuoso e triste,
que sentimos subir-nos surdamente
aos olhos o desejo de chorar
baixinho, docemente,
sobre o peito d'alguém... que não existe!

... ..

E, quando sobre o mar
cai a noite do céu pesadamente,
a gente sem querer... põe-se a chorar!

A Tristeza De Dever

(para a Exma. Sra. D. Dalila dos Reis Ferreira)

Ânsia de amar! oh ânsia de viver!
um'hora só que seja, mas vivida
e satisfeita... e pode-se morrer,
- porque se morre abençoando a vida!

Mas ess'hora suprema em que se vive
quanto possa sonhar-se de ventura,
oh vida mentirosa, oh vida impura,
esperei-a, esperei-a, e nunca a tive!

E quantos como eu a desejaram!
e quantos como eu nunca tiveram
uma hora de amor como a sonharam!

Em quantos olhos tristes tenho eu lido
o desespero dos que não viveram
esse sonho de amor incompreendido!

A Uma Romântica

(no álbum da Exma. Sra. D. Lúcia Brandão)

Teus olhos tristes (se o olhar não mente)
andam dizendo adeus a um sonho vão
que se vai desmanchando lentamente...

E a tristeza do olhar anda dizendo
quanto deve sofrer teu coração
à medida que o sonho vai morrendo...

E, por mais que tu julgues escondido
no fundo desse olhar silencioso
o teu sonho de amor incompreendido,

vê lá se o sei! Um príncipe encantado
tomava-te em seus braços, ansioso,
e beijava-te os olhos, enlevado...

Depois,... depois, cansado de esperar
o príncipe encantado... que não vinha,
encheu-se de tristeza o teu olhar...

Teu grande coração, alma vencida
que tantas ilusões na vida tinha,
já começa a descreer também da vida..

. Oh alma solitária, oh alma triste,
o príncipe encantado que sonhavas,
por mais que tu o busques, não existe!

Sonhos de amor, os sonhos ideais
em que tu, alma doce, confiavas,
são sonhos, sonhos vão e nada mais...

... ..

Sofres, bem sei! e sofres com vergonha
de sonhar tanto e em vão! e tens no olhar

Prefácio Lírico Para Uma Balada

(a Pedro Blanco)

Nas cinzas dum grande amor
ainda existe calor
a que a noss'alma se aqueça...

E a gente põe-se a dizer:
- "Vida, não vás tão depressa
deixa-me ainda aquecer!"

Daquele amor que passou,
alguma coisa ficou,
... alguma coisa que vive:

ficou-me isto... - est' hora de arte,
que é a essência, a melhor parte
daquele amor que lhe tive...

Oh balada amarga e triste,
feita de gozo e de dor,
és o calor que inda existe

... nas cinzas daquele amor.

O Último Diálogo

(no álbum da Exma. Sra. D. Sofia Isménia Quaresma)

Ao morrer, os olhos dizem
sempre o mesmo: - "Espera aí!
Vida, não vás tão depressa
que ainda te não vivi..."

E a Vida passa, e a Morte
é que responde em vez dela:
- "Mas que culpa tem a vida
de não saberem vivê-la?"

Na Rua

Ninguém por certo adivinha
como essa Desconhecida,
entre estes braços prendida,
jurava ser toda minha...

Minha sempre! - E em voz baixinha:
- "Tua ainda além da vida!..."
-Hoje fita-me, esquecida
do grande amor que me tinha.

Juramos ser imortal
esse amor estranho e louco...
E o grande amor, afinal,

(Com que desprezo me lembro!)
foi morrendo pouco a pouco,
- como uma tarde em Setembro...

Diálogo Com Um Fantasma

- "Ó fantasma de alguém que soube amar
e teve um coração grande e perfeito,
porque é que vens agora soluçar,
muito abraçada a mim, quando me deito?"

Porque é que tu me beijas a chorar
e me apertas calada contra o peito,
ó morta que me vinhas visitar,
debruçada a sorrir sobre o meu leito?"

E o fantasma responde-me alterado:
- "Eu sofro porque sofres. Desgraçado,
vais gozar a desgraça de viver..."

Agora que tu amas, é que a vida
te dirá como é vã e aborrecida,
sem ninguém que nos possa compreender..."

A Sacidade Dos Insatisfeitos

(carta a ninguém)

Perguntas-me o que tenho? A saciedade
de quem gozasse muito... e não gozasse
um momento sequer que lhe deixasse
a mágoa de o perder ou a saudade:

e o desgosto dos sempre insatisfeitos,
- ao ver que amaram tanto (e tanto em vão)
e após horas e horas de paixão
só gozaram prazeres imperfeitos...

Perguntas-me o que tenho? O tédio horrível
de saber que é inútil, desprezível,
a ventura que a gente concebeu

nessas horas de febre visionária:
e o desgosto de quem reconheceu
quanto a vida ideal... é ordinária.

Nada resta daquele grande amor...
Somos dois mortos, vê... E o maior dano
não foi o desamor...
Ser desamado custa; mas pior
é sempre o desengano...

Carta A Ninguém

Não tornes a queixar-te! Se morreu
aquele grande amor e malfadado,
porque o mataste, filha? Ai! o culpado,
bem vês que não fui eu...

Julguei-te abandonada, solitária:
quis fazer da tu'alma a ideal
e doce irmã da minha... e afinal
ela era como as outras -ordinária...

Não tornes a queixar-te mais de mim!
Eu não te posso amar: amar assim
como os outros, não sei... era um engano...

Foi bem maior que a tua a minha dor:
tu sofreste o desamor,
mas eu, filha, sofri - o desengano...



Palavras Dum Fantasma

Aquela doce e mística suicida
que me visita pela noite morta,
vim agora encontrá-la à minha porta,
esperando por mim, toda transida...

Prendeu-me nos seus braços desvairados,
longamente, em silêncio, como louca...
E ainda sinto o consolo dessa boca,
beijando-me nos olhos desolados...

Depois pôs-se a dizer-me em voz baixinha:
- "Bem vês, meu pobre amor, ela não tinha
um coração como eu..."

Alma de sacrifício - nunca a viste
igual à minha!... e a minha não te deu
felicidade alguma... se isso existe..."



Palavras Do Meu Coração

Basta de crer no amor, basta de amar!
Meu louco coração, toma juízo:
pra os que querem na terra o paraíso,
há um remédio só - renunciar.

Renuncia! Se tudo quanto existe,
é mentiroso, e só nos faz descreer,
-não vale a pena amar, pra quê correr
atrás de sombras vãs, coração triste?

Não querem entender-te, coração,
... não podem entender-te, quando tentas
erguer as pobres asas desse chão...

Queres pairar em regiões mais puras?
Vive acima da terra e das tormentas,
-sozinho como as águias nas alturas...



Blasfémia Inútil

(À margem do "Génesis")

Diz esta lenda vã
que tu, minh'alma,
és barro convertido
em espírito, ao sopro do Senhor...
Mas revoltou-se o pó: veio Satã
tentar-te com o fruto proibido
e ensinar-te o caminho do amor
- e da culpa saborosa...

E tu, alma rebelde, ambiciosa,
querendo igualar Deus, foste punida...
Mas Deus sabe punir e perdoar,
alma caída;
Deus ama ainda a vida, e deu-te a Dor
em redenção, pra voltar
até Ele, de novo, arrependida...

Alma rebelde, suicida,
seja a Obra maior que o Criador:
sê maior que Deus - despreza a vida...



De Jornada

Eu tive um sonho estranho. Foi assim:
Era um caminho sem fim...
Como sombras, os homens, silenciosos,
iam passando por mim...

Profetas misteriosos,
de olhos com febre e de saber profundo
levavam-nos consigo pelo mundo...

Para onde iam?
Em cada marco do caminho estava
gravado este letreiro que os guiava
no rumo que seguiam:

"Caminho de quantos vão
fugindo dos desertos que há na terra
pra a Terra da Promissão."

Como uma sombra ansiosa
atrás da mesma ilusão,
pus-me a caminho também,
e fui na caravana lastimosa
por essa vida além...

Mas as sombras daquele bando louco
não iam a meu lado dentro em pouco,
como se o vento as sumisse,
ou se esvaíssem no ar...
Julguei-me extraviado, ao ver-me só
e a caminhar,
cansado, cheio de pó...
E, como o peregrino
que ao longo duma estrada sem ninguém
pára e vai de onde a onde consultar
nos marcos do caminho o seu destino,
quedei-me ao pé dum marco a decifrar



o meu destino também...

"Eis o caminho da vida:
conduz para o deserto de onde vêm
quantos crêem na Terra Prometida."

No silêncio da luz crepuscular,
ouvi de novo os passos apressados
de sombras a caminhar...
E as sombras começaram a passar,
como se o vento as trouxesse,
ou se formassem no ar...

Pus-me a gritar à caravana triste:
- "Sombras de homens, fantasmas ansiosos,
aonde ides? Profetas mentirosos
arrastam-vos consigo pela vida,
para as bandas da Terra Prometida,
...da terra que buscais e não existe!"

Ninguém me responde. Silenciosamente
como quem vai atrás dum sonho vão,
ou dum desejo que mente,
ainda o mesmo lastimoso bando
de sombras ia passando
...pra a Terra da Promissão.

Fiquei sozinho...
E disse ao meu coração
indicando-lhe o marco que ali perto
nos ensinava o caminho:
- "Eis o sentido da vida:
caminhamos pra a Terra Prometida
...e vamos para o deserto."

Porém dentro de mim,
responde o coração sem vacilar:
- "Deserto ou paraíso, pouco importa!
O único remédio é caminhar

e ir sempre mais além até ao fim!"

Como quem busca a Terra Prometida
submisso ao coração, fui caminhando
para o deserto... atrás do estranho bando
de sombras que passou...

E na vida, nesta vida
(que só compreendemos bem, sonhando)
como no sonho, eu deixo-me ir submisso
ao meu destino: eu sei aonde vou,
sei-o bem... e caminho apesar disso!



Aos Amigos

Eis a verdade que sinto e penso:
quero crer, quero amar a vida, alguém...
e (eis porque sou um desgraçado imenso)
não posso crer, nem posso amar ninguém.

Crer em quê? amar o quê?
Descrer é não poder amar... A vida,
pra vivê-la,
não deve nunca ser compreendida;
a vida, se chegamos a entendê-la,
até nos envenena com a própria fé...

Crer em quê? amar o quê?
Não ama quem já não crê...
Eu tinha um'alma crente, a vida envenenou-a,
(deixá-la envenenar!):
o amor matou-me a fé no amor, matou-a...
- e já não posso crer, nem posso amar...
Às vezes quero amar, desejo crer
que a vida ainda é bela e justa e boa;
mas de balde... E, pra esquecer,
sofregamente ponho-me a viver
para que a Dor me esqueça,
- como alguém que bebe à toa
...para cair mais depressa.

Crer em quê? amar o quê,
se tudo quanto existe é imperfeito e vão?
Às vezes tento iludir-me;
mas, quando a minha fé parece firme,
reconheço que estou a amar sem fé...
É então
que me ponho a rezar esta oração
desesperada e triste (como aquela
que reza quem já não crê):
- Bendita seja a ilusão,



e bem-aventurados... os que crêem nela.

E eis aqui porque sou tão desgraçado:
-porque não pode amar, nem posso crer...
E vale a pena viver
assim envenenado,
sem uma gota d'água que conforte
tanta sede? Não vale... Mas enfim
que remédio senão viver assim
se também... já não tenho fé na morte!

A Sós

I

Quantos castelos vãos meu coração
fundou no vento incerto (que cegueira!),
desfeitos em ruínas e poeira,
ei-os todos dispersos pelo chão!...

Torres soberbas, torres de ilusão,
fundadas sobre a vida traiçoeira
ardeu-me tudo, tudo; e da fogueira
restam-me as cinzas desse mundo vão.

Oh ruínas de quanto já ergui
com alma enfebrecida e desvairada!
cinzas mortas das torres que eu perdi!

dormi, oh coisas vãs, o eterno sono,
- como dorme uma lâmpada apagada
no meio duma nave... ao abandono.

II

Oh minh'alma, já basta de sonhar!
e basta de sofrer ao ver desfeito
o sonho que abraçamos contra o peito,
com ânsia de o reter, de o prolongar!

Que remédio senão desesperar
se tudo quanto existe é imperfeito?
Descansa coração insatisfeito!
Dormi, olhos cansados de velar!

Porque há-de a fantasia enfebrecida
buscar a perfeição de quanto existe
e encher de sonhos vãos a nossa vida?



se é por isso que somos desgraçados,
por sonhar tanto e em vão; e a vida é triste,
porque é feita de sonhos desmanchados..

III

Louca ambição
de eternizar um' hora e de vivê-la
avidamente, assim eterna e bela,
deixa-me em paz, já basta de ilusão!

Não venhas perturbar-me o coração!
deixa-o descrer! deixa-o dormir! e aquela
hora suprema, oh deixa-me esquecê-la,
desejo vão!

E tu minh'alma louca, tu medita
e considera: a sede é infinita,
e assim se vive a vida, a vida triste,

- a desejar aquilo que somente
existe no desejo (que nos mente)
... ou aquilo que nem sequer existe.

No Meio Da Charneca

Erguem-se as mãos para colher no espaço
as estrelas (o Sol ou a Mentira
a que a noss'alma ambiciosa aspira)
e os braços caem mortos de cansaço.

E os olhos querem num supremo abraço
beber ainda a luz que lhes fugira;
mas, cansado de olhar, o olhar expira,
perdido pelo céu deserto e baço...

É então quando o lábio empalidece
como o dum réu de morte, ou quando solta
um grito de blasfémia ou de prece...

Perde-se a voz pràs bandas do infinito:
da abóbada do abismo só nos volta
eco quase morto desse grito.

Vendo A Morte

Em tudo vejo a morte! e, assim, ao ver
que a vida já vem morta cruelmente
logo ao surgir, começo a compreender
como a vida se vive inutilmente...

Debalde (como um naufrago que sente,
vendo a morte, mais fúria de viver)
estendo os olhos mais avidamente
e as mãos pra vida... e ponho-me a morrer.

A morte! sempre a morte! em tudo a vejo
tudo ma lembra! e invade-me o desejo
de viver toda a vida que perdi...

E não me assusta a morte! Só me assusta
ter tido tanta fé na vida injusta
... e não saber sequer pra que a vivi!



ÍNDICE

À tarde.....	3
A tristeza de viver.....	5
A uma romântica.....	6
Prefácio lírico para uma balada.....	7
O último diálogo.....	8
Na rua.....	9
Diálogo com um fantasma.....	10
A saciedade dos insatisfeitos.....	11
Carta a ninguém.....	12
Palavras dum fantasma.....	13
Palavras do meu coração.....	14
Blasfémia inútil.....	15
De jornada.....	16
Aos amigos.....	19
A sós.....	21
No meio da charneca.....	23
Vendo a morte.....	24

Colecção

digit@lmente

Título: **CONTIGO (OUTRAS PESSOAS)**

Autor: **MANUEL LARANJEIRA**

Edição em Formato Livro: **1997**

Edição em Formato Digital: **Junho de 2020**

Em 2020, a Coleção Digitalmente acolheu todo o acervo da editora para uma melhor leitura online.

© **Autor e Elefante Editores**
para esta edição digital

Contacto:

elefante@elefante-editores.net



Ideias e Paixões que vamos descobrindo
em cada livro e em cada palavra

www.elefante-editores.co.pt

Editores de Poesia desde 1997